

Pedagogia da convivência: Elza e Paulo Freire: vidas que fazem educação

NIMA I SPIGOLON¹

RESUMO

O artigo apresenta resultados de pesquisa alinhavados pela convivência político-pedagógica e amorosa do casal Freire: Elza e Paulo. Objetiva-se demonstrar contribuições e influências para a educação brasileira e, em particular a educação de adultos, instrumentalizados pelos percursos de Elza Freire. Sua caracterização acontece no recorte temporal entre 1916/1964, sendo que assume outra dimensão a partir do casamento de Elza com Paulo Freire em 1944, no Recife. Ancorado em fontes documentais e não documentais segundo a abordagem qualitativa, analisa-se a estruturação, fundamentação e consolidação das experiências com adultos, ou seja, a gênese desta educação no Brasil e, concomitante, a formação e atuação profissional de Elza. O foco se dá na participação dela, buscando por outro ângulo ampliar a compreensão em torno do trabalho dele e a ambiência político-pedagógica e sociocultural da qual emergiu o casal. A pesquisa aponta, por exemplo: a ressignificação deste campo de estudos, ao identificar o legado de Elza Freire para a educação e sua participação no pensamento e na práxis de Paulo Freire, notadamente a partir de meados de 1940.

PALAVRAS-CHAVE

Elza Freire; Paulo Freire; Educação de Jovens e Adultos; Pedagogia da Convivência.

1. Doutorado e Mestrado em Educação, pela UNICAMP. Professora Doutora da Faculdade de Educação, Departamento de Políticas, Administração e Sistemas Educacionais (DEPASE), na UNICAMP. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos (GEPEJA) e do Grupo de Pesquisa e Estudos em Políticas Públicas e Educação (GPPE), ambos da FE/ UNICAMP. Contato: nima@unicamp.br

ABSTRACT

The article presents research results stitched the political-pedagogical living and loving couple Freire: Elza and Paulo. The objective is to demonstrate contributions and influences for the Brazilian education and, in particular Adult Education instrumentalized by paths Elza Freire. Characterization happens in the time frame between 1916/1964, and assumes another dimension from marriage to Elza and Paulo Freire in 1944, in Recife. Anchored on documentary and non-documentary sources, according to the qualitative approach, the structure is analyzed, foundation and consolidation of experiences with adults, is, the genesis of this education in Brazil and, concomitantly, training and professional experience of Elza. The focus is given on her participation, looking from another angle broaden the understanding around his work and the political-educational and socio-cultural ambience which emerged the couple. The research shows, for example, to the redefinition of this field of study, identifying the legacy of Elza Freire to education and their participation in thought and praxis of Paulo Freire especially from 1940s.

KEYWORDS

Elza Freire; Paulo Freire; Youth and Adult Education; Pedagogy of Coexistence.

INTRODUÇÃO

O artigo versa sobre resultados de pesquisa, cujo escopo é mais amplo. Insere-se nas discussões voltadas à educação e, em particular à Educação de Jovens e Adultos, sob a perspectiva freiriana. Estrutura-se a partir dos estudos iniciais sobre Elza Freire² entre 1916 e 1964, alinhavados pela convivência político-pedagógica e amorosa com Paulo Freire.

Tendo em vista aprofundar buscas científicas relacionadas a Freire e, ao mesmo tempo, a estruturação, fundamentação e consolidação das experiências político-pedagógicas com adultos analfabetos no Brasil, lancei mão dos percursos de Elza, com ênfase em sua participação, objetivando compreender os contextos pedagógico, histórico, cultural e sociopolítico dos quais emergem os sujeitos, sobretudo o casal Freire: Elza e Paulo.

Perpassei Elza nos primeiros tempos em Recife; sua escolarização e formação profissional nas décadas de 1920/40; o casamento com Paulo em 1944 e a atuação no ensino público entre 1943-1964. Concomitantemente, as atividades dos Círculos de Cultura, do Movimento de Educação de Base (MEB) e Movimento de Cultura Popular (MCP) em Recife, Angicos e São Paulo; e depois Brasília com o PNA, entre 1950-1964.

Numa perspectiva arqueológica, empreendi o levantamento de fontes documentais e não documentais que conduziram à identificação da educadora e intelectual, cuja teoria e prática se imbricaram ao pensamento de Freire pelo casamento. A partir de então apresento a Pedagogia da Convivência, onde teriam sido fundadas as bases para o “método” e as “teorias” desenvolvidas por Paulo Freire.



Elza Freire, década de 1960. Fonte: acervo de Lutgardes Freire, cedido à pesquisadora (SPIGOLON, 2009, p. v.).

PERSPECTIVAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Considerando a especificidade do tema, a abrangência do período e fontes, ajustei estratégias para os registros, articulados por meio de questões nucleares e distribuídos em recortes temporais. Elza encontra-se na interface desses aportes, estruturados segundo perspectivas de análise e descrição. Quanto à metodologia, optei pelo mapeamento bibliográfico, coleta e agrupamento de dados, seguido da apresentação de manuscritos inéditos e narrativas³.

2. Elza Maia Costa Oliveira nasceu em Recife em 1916. Foi professora e diretora de escolas, trabalhou no MEB, MCP e Círculos de Cultura, até 1964 – quando em decorrência do golpe a família Freire é exilada. O retorno ao Brasil se dá em 1979, e seu falecimento em 1986. Após casar-se com Paulo Régulus Neves Freire, passa a assinar Elza Maia Costa Freire. O casal se faz conhecido nacional e internacionalmente como: Elza Freire e Paulo Freire. Ao longo do texto optei por usar Elza. Remissão a Spigolon (2009; 2014).

3. Adoto Benjamin (1994), pois com ele entendo que Freire ao ser o principal narrador ajuda a recuperar o que foi perdido, por meio da rememoração poética, de quem sabe lidar com o silêncio e o esquecimento.

A abordagem qualitativa fundamenta a aquisição de dados conseguidos pelo pesquisador diretamente como fato a ser pesquisado, com maior ênfase no processo de constituição do que em seu produto final, preocupando-se em destacar as perspectivas dos sujeitos (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Esta possibilidade amplia a compreensão sobre os propósitos da pesquisa decorrentes do contexto educacional, sociocultural e político, pois

[...] que são qualitativas as pesquisas que privilegiam o sentido dos fenômenos sociais compreendo-os, como no caso da educação, pelo seu processo e pela experiência humana envolvida, mais que pela explicação de seus eventuais resultados (MONTEIRO, 1998, p. 20).

As décadas para descrição, análise e interpretação vão de 1916 a 1964, tendo em vista o movimento entre documentos, fatos e fragmentos, uma vez que Elza é o sujeito que regula e configura as temporalidades da pesquisa. Após o período e em continuidade da pesquisa, demarcado com o golpe de 1964, a ditadura e o exílio brasileiro⁴, ressaltou o fato de o corpus teórico e metodológico se dilatar e se expandir.

MULTIFACES DE ELZA

O escopo sustenta que os percursos de Elza não se alicerçam em um período e uma vertente biográfica, na medida em que são descritos e analisados a partir de uma realidade coletiva e não como aspecto particular. As dimensões individuais, sociais e históricas superam a perspectiva biográfica; antes de serem dimensões da vida em polos opostos elas se complementam (ELIAS, 1994; 1998), conduzindo a esquivar-me da ilusão e do “relato apaixonado” (BOURDIEU, 1998, p. 184), embora haja momentos em que as objetividades fundantes da pesquisa se mesclam às subjetividades da pesquisadora.

Como os muitos cenários – um tempo, uma época, uma mulher – as muitas faces de Elza coadunam com a multifacetada obra de Paulo Freire (SCOCUGLIA, 2001) ao tratar de inúmeras questões que devem ser debatidas dentro da amplitude de seus conceitos e suas premissas; do contexto de seu pensamento complexo, que esteve sempre em construção, passível de análise dentro de seu inscrever-se histórico.

A atualidade da proposta Freiriana referencia as contribuições de Elza e vice-versa, versando sobre estudos e análises no amplo espectro de sua participação na elaboração das propostas de Freire na perspectiva da convivência:

Conheci inicialmente Elza através do que Paulo me contava, e quando se referia a ela, fazia uma pausa ao falar e seus olhos tomavam a dimensão do amor; o que Paulo falava mostrava que Elza não era apenas a esposa, a mãe dos filhos, a amante, mas também, e com muita ênfase a companheira de luta, a companheira comprometida com o trabalho libertador (ORNELAS, 1987, s/p. – tradução nossa).

4. Em continuidade à pesquisa consultar SPIGOLON, 2014.

Assim se constitui a investigação, os fatos históricos e as concretudes do real que os levaram juntos a pensar, sentir e construir o arcabouço teórico-prático, político-pedagógico que, desde os anos 1950, se espalha revolucionando o mundo, mantendo-os presentes nas memórias, ações, instituições e intenções.

Lutgardes (2005, s/p.) expressa: “Fui convidado para esta homenagem ao meu pai, mas eu gostaria de falar a respeito da minha mãe, Elza Freire, porque muitas vezes os grandes homens aparecem no mundo, na mídia e suas esposas ficam na penumbra”. Suas palavras vêm na sequência de enunciados, pois sendo convidado para prestar uma homenagem ao pai, homem, enfatiza que falará sobre a mãe, mulher.

Esse discurso destaca uma espécie de “agorafobia”, socialmente imposta às mulheres, uma censura às formas de expressão pública, verbal ou mesmo corporal⁵.

Decorrem indagações sobre a dialeticidade da convivência e os motivos de uma realidade em seu “aparente” desconhecimento ou certo “descaso”:

Embora Elza não tenha sido, nem seja anônima, ao contrário, está presente no conjunto da sua obra, pouco figura entre os leitores e analistas da obra de Freire como uma das grandes presenças no processo construção/sistematização do seu pensamento. Não é de estranhar que ela figure apenas entre aqueles que com ela tiveram oportunidade de convivência, visto que o sentido corrente atribuído aos intelectuais e à vida acadêmica não a incluiu (SANTIAGO, 2000, p. 76).

Isso desperta questões cruciais: aqui problematizo os porquês, como e quando de Elza aparecer e desaparecer, e agora dou visibilidade à sua atuação, presença e participação. As indagações e questões anunciadas se prestam a dialogar com uma pedagogia da pergunta (FREIRE; FAUNDEZ, 1985).

O LIMIAR POLÍTICO-PEDAGÓGICO

O ano de 1916 viu nascer Elza no Recife. Sua escolarização ocorreu próxima a sua casa, na Escola da Profa. Maria E. V. de Medeiros⁶. Durante a Escola Nova deu continuidade em seus estudos em Olinda, na Academia Santa Gertrudes⁷. Em seguida, na Escola Normal⁸ do Recife, num momento histórico de grandes acontecimentos como a crise de 1929 no cenário econômico mundial e, no cenário nacional, o Manifesto dos Pioneiros de 1932, aliando-se a era Vargas.

A Escola Normal outorga-lhe o título de professora em 1935. Embora situada na sua fase de preparo profissional no mesmo período que predominou o ideário da Escola Nova, ela

5. Bourdieu (1999) apresenta reflexões a partir do trabalho entre os Kabiylie. É a exclusão do espaço público que, condena mulheres a espaços separados – fazendo da travessia espaço masculino. Ela toma a forma de “agorafobia” socialmente imposta que pode sobreviver e levar as mulheres a excluírem a si mesmas.

6. Professora e parlamentar. A criação de escolas de ensino secundário em Pernambuco foi resultado do seu engajamento com a educação.

7. Trata-se de escola confessional católica localizada no centro histórico de Olinda, sob a direção das Irmãs Beneditinas Missionárias de Tutzing, Alemanha.

8. A Escola Normal de Pernambuco, Recife, tornou-se referência na formação de professores e era tida como celeiro das ideias e das reformas no contexto educacional.

Com a perspicácia de poucos educadores, certamente gerada no próprio clima do momento e da Escola Normal, soube no processo depurar do ideário da Escola Nova ideias que uniu a outros pensamentos e formas, embasando seu trabalho político pedagógico (SANTIAGO, 1987, p. 29).

Posições assumidas por Elza ao dizer: “Escolhi ser professora por mim mesma, desde cedo” (FREIRE, 1980, p. 202), ela reafirma escolhas. Quando se inicia a formação de professores? Ela tem sua gênese a partir do momento em que o professor se mostra ao mundo. Ou seja, “a formação está indissociavelmente ligada à produção de sentidos, sobre as vivências e sobre as experiências de vida” (NÓVOA, 1992, p. 26). O professor ao realizar sua prática pedagógica está ali com todos os elementos que constituíram sua história.

A entrada feminina nas escolas normais contribuiu em certa medida, por um lado, ao acesso à instrução pública e, por outro, à inserção profissional. Para Louro (1997) isso se deve ao processo de urbanização e industrialização do país, que ampliou as oportunidades de trabalho dos homens e ocasionou a “feminização do magistério”. Isso marcou sua vivência político-pedagógica como mulher e professora.

A implementação do capitalismo industrial no Brasil em 1930 determinou uma nova organização das relações sociais, econômicas, políticas e culturais; mudanças estruturais e, por conseguinte, o surgimento de novas exigências educacionais. Em meio a essa realidade, após concluir o Normal, Elza ingressa no Instituto Pedagógico do Recife como aluna e depois professora, mediante convite por seu desempenho. Esse fato atesta seu interesse em dedicar-se à formação continuada, já naquela época: “realmente me especializei em alfabetização” (FREIRE, 1980, p. 203).

Desenvolvo a compreensão do ideário pedagógico da época e a relevância das instituições para a formação e o exercício profissional de Elza, procurando extrair os fundamentos de sua teoria e prática ao estabelecer o movimento histórico, com base nos aspectos políticos-educacionais e socioeconômicos.

Em janeiro de 1943 é aprovada em concurso público e nomeada professora da rede estadual de Pernambuco. Entre 1943 e 1947 lecionou no Instituto Pedagógico, em 1948 e 1949 na Escola de Especialização, onde de 1951 a 1953 exerceu o cargo de diretora. Em novembro de 1953 foi diretora Padrão I da Escola Mota e Albuquerque, e lecionou na Escola Clotilde Meira em 1954. No período de 1954 a 1956 retornou para a Escola Mota e Albuquerque e, de janeiro de 1956 até 1964 foi dirigente Padrão da Escola Caio Pereira e da Escola Joaquim Nabuco, partindo para o Chile⁹:

Elza era professora, uma educadora pra mim de um senso, uma sensibilidade prática enorme, com capacidade de entender sua própria prática também, muito sensível... Ela falava pouco, observava muito, e era muito querida pelos colegas e alunos, fez uma bonita carreira pedagógica no Recife (FREIRE, 2005, p. 288).

9. Informações em FREIRE, 1980, p. 201 e SPIGOLON (2009,2014).

Se nas práticas pedagógicas de hoje as diferentes tendências se entrecruzam, em décadas anteriores também. Destaco a sensibilidade e o envolvimento na sua prática e militância pedagógica no campo da arte e educação ampliada para a alfabetização, pois “na década de 50 Elza dirigia em Recife uma escola de subúrbio e, sob sua influência e estímulo, a Professora Dídiel iniciou um trabalho de alfabetização através da Arte” (BARBOSA, 2006, p. 637). Elza registra pioneirismo com inovações pedagógicas e reforça comprometimento com a educação pública quando, nos anos 50, “foi uma das pioneiras na integração da Arte na Escola Pública, enfatizando as produtivas implicações do fazer artístico no processo de alfabetização” (BARBOSA, 2005, p. 20) o que nos leva a concluir que a primeira experiência de alfabetização através da arte em escola pública se deu como Elza diretora de escola.

Identifico posturas dela que caracterizavam sua sensibilidade e intuição, que lhe possibilitavam atentar às necessidades e interesses dos educandos, pois “seu gosto pela alfabetização e, em especial pela popular, a fará uma educadora apaixonada pelo seu fazer teórico-prático e pelos educandos – objeto da sua ação e sujeitos da própria aprendizagem” (SILVA in SANTIAGO, 1987). Elza afirma o compromisso libertador e transformador com “paixão que a identifica e a une às classes populares e permite que comungue dos seus sofrimentos tanto quanto do seu esforço pela libertação” (ibidem, 1987).

Elza demonstrava autoridade de quem conhecia as manifestações da miséria, compreendia a condição e a natureza humana, sabia que elas se expressavam de variadas formas; como quem fazia do ato pedagógico um ato político, transformando teoria sobre o ato pedagógico num ato de amor. De onde se pode concluir que, para o casal: “No fundo o ato pedagógico é muito amoroso também. É uma coisa assim radicalmente amorosa”. (FREIRE; GUIMARÃES, 2001, p. 117).

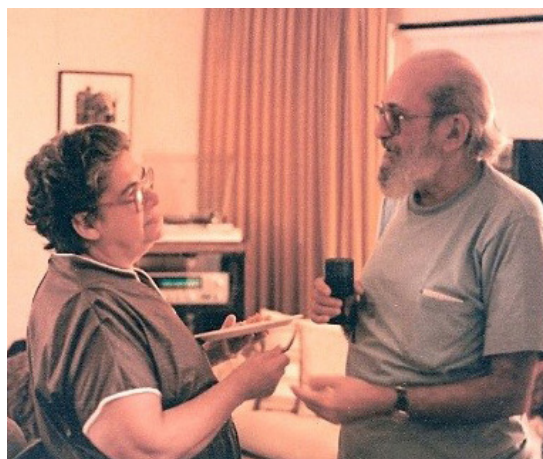
Elza aprofundou estudos; ampliou atividades com a arte e educação; compôs equipes técnicas; integrou e fundou instituições; socializou experiências em alfabetização; aliou conhecimento científico/técnico ao político-pedagógico. Momentos vividos, inteireza de Elza: “Penso assim porque gostosamente me realizei” (FREIRE, Elza, 1980, p. 200). O seu compromisso com a educação e a alfabetização, não se vincula a ideais quanto à miséria e, sim compreende questões do ensino público no Brasil, de forma crítica, politizada, reflexiva e científica.

Considero que ela se manifesta na descrição de teorias e práticas político-pedagógicas idealizadas e realizadas por meio do processo de humanização, quando condensa a desmistificação radical da condição humana e, ao fazê-lo, traz a beleza de reconhecer as possibilidades do aprender pela diversidade, quando diz que “temos realmente muito que aprender de um povo que vive tão intensamente a unidade entre a palavra e o gesto. O indivíduo aqui vale enquanto gente”. (FREIRE, 1978, p. 39).

A cultura e a luta social configuraram-se como principais referenciais utilizados nos processos de interação político-pedagógica estabelecidos por Elza e a educação foi apontada como recurso que proporcionou questionamentos e reflexões entre teoria e práxis. Essa maneira de ser registra suas experiências nas dimensões da educação e da humanidade.

PEDAGOGIA DA CONVIVÊNCIA¹⁰: ELZA E PAULO FREIRE

Elza mulher, nordestina, normalista, concursada; pioneira da arte-educação. Esposa, companheira, educadora, sistematizadora das palavras geradoras, precursora na formação de educadores. Casou-se com Paulo em 1944, e dessa união teve cinco filhos: Madalena, Cristina, Fátima, Joaquim e Lutgardes. Mãe, amiga, irmã; lutadora em prol das causas educacionais e humanitárias, engajada no trabalho libertador e nas atividades sociais, políticas e culturais.



O casal Freire: Elza e Paulo (Anos 80). Fonte: Acervo de Lutgardes C. Freire, cedido à pesquisadora. (Jornal da UNICAMP, nº 435, p. 12, 2009).

A educação circunstancialmente os aproximou e “Paulo conheceu Elza Maia Costa Oliveira, professora que marcaria, definitivamente, sua vida pessoal e profissional”. (BARRETO, 2004, p. 22). As aproximações entre o casal Freire são consequências advindas de um contexto não só pedagógico, o que reforça a hipótese da “Pedagogia da Convivência”, pois a Pedagogia Freiriana traz em seu bojo conteúdo significativo de Elza, o que legitima reconhecer e discutir a relação político-pedagógica, amorosa, uma vez que “[...] devo a Elza, na feitura da Pedagogia [...] acho que uma das melhores coisas que podemos experimentar na vida, homem ou mulher, é a boniteza em nossas relações [...] Foi esta a experiência que com Elza vivi” (FREIRE, 1992, p. 64).

Relações onde as influências não são estanques, contemplam cognitivo, afetivo e que, mediatizadas por uma Pedagogia da Convivência, possibilitam um processo capaz de impedir ou minimizar a dicotomia entre eles e a realidade existencial. Freire destaca: “Elza na verdade, exercia uma influência extraordinária sobre mim do ponto de vista existencial e do ponto de vista intelectual. Eu deveria dizer “antes de Elza” e “depois de Elza”” (FREIRE; HORTON, 2003, p. 83). Ela influencia além de Paulo.

A Pedagogia da Convivência se fundamenta nas categorias freirianas, às quais se agregam as elzianas surgidas com a pesquisa, e traz como referenciais o pensar, fazer, falar e sentir, partindo do princípio de que a convivência pelo encontro em si é uma relação de diálogo, conflito e dialética. Ou seja, é através da convivência, dos saberes diferentes que o conhecimento é produzido e compartilhado, mediante os processos de ensinar-aprender, pautados na “amorosidade”, “criticidade”, “liberdade” e “conscientização”. Trazida para o campo acadêmico-científico, a convivência entre Elza e Paulo

10. Perspectiva formulada pela autora (SPIGOLON, 2009; 2014) a partir das relações estabelecidas por Elza e Paulo Freire no campo da educação após o casamento. Apresenta a convivência deles, que se encontram e se influenciam mutuamente também na Educação de Adultos e juntos desenvolvem equações teóricas, metodológicas e práticas inovadoras e emancipadoras. É o processo político-pedagógico como possibilidade dialética entre os sujeitos e a realidade existencial. Atualmente, prossigo no seu aprofundamento.

11. Faço menção às pesquisas em continuidade a essa, sendo que o período subsequente foi desenvolvido no doutorado e cobre o período de 1964 a 1979 (SPIGOLON, 2014). Ressalto que os períodos se inserem numa lógica de pesquisa que busca e articula de forma ininterrupta o levantamento e análise do conjunto de fontes.

transforma-se em perspectiva analítica, a partir das pesquisas já realizadas e em curso¹¹.

Lutgardes (2005, s/p.) assegura contribuição nesse sentido, uma vez que “é difícil falar de Paulo Freire sem falar de Elza Freire, porque ela foi grande educadora e grande pensadora”. Ratifico que, para melhor compreender a dimensão do pensamento e da práxis freiriana, há que se agregar Elza. Daí analisar as participações dela na própria consolidação de um conjunto de propostas¹² forjadas por Freire. A aproximação pedagógica dele está relacionada à sua forma de inserção nesse contexto, cujo resultado em parte se atribui a Elza, pois “Ela influenciou-me enormemente. Assim, meus estudos linguísticos e meu encontro com Elza conduziram-me à pedagogia” (FREIRE; MACEDO, 2002, p. 109).

O desenvolvimento desse conjunto de propostas freirianas está condicionado às contribuições de Elza. Ressalto os tempos de estudante na Academia Santa Gertrudes, na Escola Normal e no Instituto Pedagógico. Depois, diretora e professora nas escolas e cursos de formação de na Escola de Aplicação, na Escola de Belas Artes. Ao mesmo tempo, pesquisadora de métodos pedagógicos e inovações de práticas de ensino-aprendizagem, alfabetizadora de crianças e adultos e sistematizadora das palavras geradoras. Enfim, Paulo contempla a questão da sua formação, preenchida com a formação, atuação e contribuição de Elza:

[...] porém eu tenho grande deficiência, grande vazio na minha prática de professor: eu nunca fui professor primário [...] eu nunca tive experiência direta com crianças, nunca alfabetizei. Minha grande experiência com crianças foi com meus filhos mesmo, que hoje são os melhores juízes de Elza e da minha prática de educadores. (FREIRE, in BRANDÃO, 1983, p. 93).

À medida que Paulo se apropria e se referencia acerca do *metié* de Elza, estabelece aproximações entre eles, desde os movimentos populares até a intimidade privada, nas dimensões públicas, político-pedagógica e cognitivo-afetiva que os assinalava, e interpreta: “porque ela era uma educadora fantástica, [...] cheia de noções e sentimentos e conhecimento daquilo que estava fazendo. Acho que por essa razão ela era melhor que eu, uma grande educadora” (FREIRE; HORTON, 2003, p. 83). As reflexões da construção histórica de Elza, sob o prisma da educação, conduziram a necessárias configurações¹³ sobre ela.

Com base nos dados adoto o conceito de práxis¹⁴, a união entre teoria e prática, e identifico a confluência delas quando vivenciadas e experienciadas entre eles. O processo da convivência assume a perspectiva necessária para a práxis.

Convivência e pedagogia agem e interagem no campo da educação contemporânea, influenciando o pensamento político-pedagógico mundial em torno de uma educação dialógica e libertadora sob a perspectiva freiriana. Isso se vislumbra com a Pedagogia da Convivência cunhada na relação Elza e Paulo, uma convivência político-pedagógica, amorosa.

12. Brandão (2005) considera que Freire criou proposta educacional revolucionária, incorporando um conjunto de princípios ético-político-pedagógico em prol da conscientização, onde a educação é prática da liberdade.

13. Elza obteve uma formação bastante diferenciada para a época, ao frequentar escolas de referência e, ao longo do percurso de formação, conviveu com importantes intelectuais e professores daquele cenário e tempo.

14. Ancoro em VÁZQUEZ (1979), MARX (1978), FREIRE (1972) e LEFEBVRE (1958).

As elucubrações acerca do casal Freire e o que produziram juntos fornecem elementos para aprofundar o entendimento, se ancoradas na Pedagogia da Convivência. Assim, no sentido de não exclusão de um ou de outro, e sim de complementariedade, defendendo que:

A educação é um ato político, e sendo político implica uma escolha... O ato político também é amoroso, pois implica num gosto, numa escolha, num porquê... Da mesma forma que travamos na vida a nossa luta política, em nossa vida particular também escolhemos nossas parceiras, nossos parceiros. Foi assim que Paulo escolheu e foi escolhido por Elza, sua companheira durante quarenta e dois anos. Elza era uma professora exemplar, uma educadora que influenciou Paulo, assim como Paulo a influenciou. (FREIRE, 2001, p. 341).

Elza é o próprio processo social, histórico, político e pedagógico. Esses processos, ao se organizarem, tornam-se construções dialógicas e dialéticas que influenciam as relações sociais e os comportamentos dos homens e mulheres, das pessoas inseridas nessas configurações (ELIAS, 1994; 1998).

Paulo narra processos de construção político-pedagógica estabelecidos entre o casal, cuja experiência é parte constitutiva da Pedagogia da Convivência:

Descobri, por causa de Elza que o que eu estava fazendo quando ensinava português era algo mais que ensinar, era precisamente educar. Não quero separar o ensino da educação. Não faz sentido. O que quero dizer é que, objetivamente, quando eu estava ensinando a Língua Portuguesa estava educando. Mas eu não sabia disso e foi Elza quem me iluminou com relação a isso. Subitamente eu comecei a juntar sonhos antigos e a reconhecer conexões entre eles. Ficou claro para mim que eu tinha um gosto por fazer perguntas, por saber, por ensinar e tive certeza de que era um educador ou que teria que me tornar um educador. Essa foi a primeira grande influência da Elza sobre mim. (FREIRE; HORTON, 2003, p. 83).

A aproximação de Elza e Paulo mediada pela Pedagogia da Convivência estabelece a interação do teórico (intelectual) e da prática (sentimental), inicialmente por intermédio do encontro (e depois o casamento), o que possibilita identificar como foram acontecendo as influências, o despertar crítico e consciente de Freire.

Ao fazer esse exercício de análise, aproximo diferentes realidades dos universos e cenários de Elza e Paulo e agrupo uma série de discussões com abordagens convergentes de modo a destacar a convivência como fenômeno pedagógico, remetendo-o àquela realidade e configurando-o em outras.

Por fim, “não quero separar o ensino da educação. Não faz sentido” (FREIRE, 2002, p. 83). Quero (conviver e) unir cada vez mais Elza e Paulo e vice-versa.

EDUCAÇÃO DE (JOVENS) E ADULTOS NO BRASIL: RE-SIGNIFICANDO A HISTÓRIA

O artigo ressignifica¹⁵ a Educação de (Jovens) e Adultos no Brasil, pois se justifica tanto pelo caráter histórico - ao discutir fatos passados - quanto pela ponte que estabelece com o presente/futuro na construção de sociedades mais igualitárias.

Nos cenários entrelaçados aos percursos de Elza e Paulo inseri fragmentos do real como parte dos processos que acometeram o período de 1916/1964. Daí a importância fundamental de Elza para o pensamento e a práxis freiriana. Porque de um lado, revela o princípio dialético de que toda nova realidade é gerada no seio da antiga, de outro, o fundamento de que todos são competentes em algo (ROMÃO in FREIRE, 2001, p. XIII).

Para Elza “fizemos juntos, Paulo e eu, o trabalho de alfabetização no Nordeste [...] Então, nós pensamos: e se transferíssemos para o mundo do adulto, como seria?” (FREIRE, 1980, p. 230). Fato incontestável nos registros históricos que marcam a educação - em particular a de adultos - traz o partejar de um “Método”¹⁶ que partiria dali para o mundo, revolucionando a educação. Ela é decisiva para a concepção dessa metodologia, atuando de forma ininterrupta, tanto nas ideias/teorias e quanto nas práticas/experiências.

Elza é partícipe e, à medida que a investigação avança por divulgar e analisar parte de seus “Escritos Íntimos”¹⁷, sustento tais hipóteses com preciosidades históricas que enriquecem descobertas no tocante à educação, por exemplo:

[...] Longe de compreender a realidade, a compreensão do mundo o povo tem [...] O homem que aprendeu para poder pegar o homem que enganava o trabalhador [...] Encontra as palavras geradoras. Temos o seguinte: geradora na medida que possibilita a feitura de outras palavras [...] O conhecimento viabilizador para os sentidos [...] O sentir uma certa materialidade pela sensibilidade – a percepção do objeto – registra certas percepções – pego – sinto – percebo – falo o nome do objeto [...] O medo das coisas é maior [...] Alfabetizar é montar o sistema de valores escritos, esta montagem tem que ter [...] A alfabetização é um ato político [...] Alfabetização criadora e libertadora – ele discute a sua palavra e a frase [...] (FREIRE, E. S/d; S/Ed., acervo pessoal de Madalena Freire, cedidos à pesquisadora).

15. Conforme Freire e o pacto populista (ROMÃO, in FREIRE, 2001, p. XIII), adoto ressignificar, pois a intenção é no sentido de que os seres humanos estão re-elaborando uma ideia e uma prática que já eram portadores.

16. No exílio, o casal Freire dá início a processo de amadurecimento acerca do “Método”, com o caráter de assumir a partir de então outras denominações. Isso se concretiza na volta ao Brasil. Entretanto, nos primeiros anos do desenvolvimento dessa experiência ele se apresenta como “Método Paulo Freire”, por isso optei por conservar essa terminologia, observando e respeitando as condições daquele momento histórico. Remissão a BRANDÃO (2005; 2008), BEISIEGEL (1974; 1982), GERMANO (1982), FÁVERO (1983), dentre outros.

17. Integra conjuntos e acervos de pesquisa da pesquisadora em torno da temática Elza Freire, que venho reunindo desde 2006 na forma de manuscritos (caderno, agendas, cadernetas, papéis avulsos), constituídos a partir das fontes documentais e não documentais, oficiais e não oficiais, escritas e orais, iconográficas, etc.

Examinando o conteúdo e a natureza do material, articulo informações teóricas e metodológicas com experiências empíricas, evidenciando as contribuições dela. A análise inicial dos manuscritos é subsídio a um referencial teórico que evidencia a descrição das realidades político-pedagógicas em questão, para explicar fragmentos do pensamento de Elza como sendo elementos constitutivos dos trabalhos desenvolvidos por ela, Paulo e o casal.

Ele sistematiza registros em torno da história da educação brasileira por meio das primeiras experiências com Educação de Adultos, através dos registros de Elza. Fontes primárias trazem às novas gerações a possibilidade de consultar materiais que tornam público e disponível o fomento de discussões posteriores, ampliando as já existentes.

A partir das influências de Elza em Paulo criam-se novas interpretações sobre a contemporaneidade em torno dos pressupostos e dos paradigmas freirianos.

Na tentativa de não desvincular a teoria ou a compreensão de educação do “Método Paulo Freire”, como se qualquer uma delas pudesse se sustentar sem a outra, demonstro com o rigor e cuidado necessários a criação e o desenvolvimento do “Método”, me detendo na participação de Elza para constatar a relação estabelecida entre ambos.

Após esta experiência, foi nossa mãe Elza, que já trabalhava com educação na época, especialmente com crianças, que o convenceu a trabalhar com educação. Juntos deram os primeiros passos no trabalho com alfabetização de adultos. Começaram a utilizar o que mais tarde seria chamado Método Paulo Freire, uma metodologia diferente para alfabetizar adultos. (FREIRE, 2001, p. 332).

Para ser aprofundada, a compreensão do “Método” perpassa o conteúdo eminentemente amoroso de sua proposta de alfabetização libertadora. Elza era alfabetizadora, Paulo transfere para os adultos a experiência de Elza e vice-versa.

Juntos, pela convivência, o casal pensa, executa, teoriza e sistematiza esse “método”:

A Elza me traz assim pra dentro de mim para dentro da vida, me traz um baita testemunho de coragem, de luta e de amorosidade ao educando. E ela tem tido, e continua tendo, uma experiência que eu não tinha, que eu nunca tinha tido, que é uma das minhas deficiências, que o Freinet não teve: nunca fui professor primário, e há de convir que hoje não dá mais pra ser. (FREIRE, in LYRA, 1996, p. 177).

No conjunto dessas discussões não se observava Elza com significância entre os colaboradores, embora ela tenha participado desde o início, nem se aventou como agora suas contribuições. Como ela mesma afirma: “fiquei com a parte metodológica, com a elaboração da coisa” (FREIRE, 1980, p. 203), e seu filho Lutgardes reafirma:

O Método nasceu de ambos. Inicialmente com uma forte contribuição de Elza. Ela tinha experiência em educação, principalmente com crianças.

Fora professora primária no Recife e mais tarde diretora de escola. Foi ela que convenceu Paulo a seguir a carreira de educador. (FREIRE, 2001, p. 341).

Os tempos e espaços das contribuições e influências de Elza para esse momento histórico na vida e obra de Paulo Freire refletem o ressignificar da Educação de Jovens e Adultos. A consolidação das experiências com adultos analfabetos é a gênese dessa educação no Brasil, que depois se espalha por todo o mundo. Elas viabilizaram:

As pesquisas, os estudos teóricos que fiz, com efetiva colaboração de Elza, minha primeira mulher, naqueles dez anos, viabilizaram o que veio a se chamar Método Paulo Freire. No fundo, muito mais uma compreensão dialética da educação do que um método de alfabetização. (FREIRE, 2003, p. 86).

A realidade de efervescência que eclode no golpe de 1964 e depõe o governo Goulart, instaura a ditadura e leva ao exílio. Em seguida, perseguições, prisões e fugas, numa demonstração do aparato repressivo do Estado instaurado:

Ela foi professora, depois diretora, mas teve aí um gesto lindo que foi, depois do golpe, a solidariedade absoluta que ela teve comigo. Elza ia me visitar na cadeia e nunca disse: “Você está vendo, Paulo, se você tivesse pensado mais...” Nunca! Quer dizer, ela foi solidária, absolutamente solidária. (FREIRE, 2005, p. 288).

Os Freire - Elza, Paulo e seus filhos - se inserem no contingente de brasileiros que são diretamente afetados pelas injunções do golpe. Paulo resistia em sair do Brasil:

Entretanto (Paulo) resistia em sair do Brasil. Nós próprios, eu e Argentina, participamos de um esforço no sentido de lhe mostrar os riscos que estaria sujeito se insistisse em permanecer: Paulo e Elza se encontravam, então, num local reservado, em Casa Caiada, Olinda. Lembro que, diante da decisão de permanecer no Brasil, aparentemente inabalável, Elza me chamou à parte e disse: “Vocês ficam aqui até de manhã, mas que ele sai, sai” (ROSAS, 2003, p. 29).

As ações dessa mulher descortinam um movimento pendular e peculiar que retrocede no tempo para avançar e mostrar a utopia no cárcere e o exílio no horizonte com a partida de Paulo e despedida de Elza e os filhos. Permanece a sensação amarga e sombria de ter sido um ano que não acabou – 1964 vive!

Elza é partícipe desse processo, como lembra seu filho Lutgardes (FREIRE, L. C., 2007) “E então, minha mãe foi sempre uma pessoa solidária com aquilo que meu pai pregava, quer dizer, porque ela também participou disso”. De ontem para hoje e amanhã, a História se re-escreve para conhecer e re-conhecer Elza, re-significar sujeitos e a educação.

(IN) CONCLUSÕES

Neste trabalho as análises recaem sobre a atuação e importância de Elza para o pensamento e a práxis de Paulo Freire e, ao mesmo tempo, para a educação brasileira, em especial para a de Educação de Jovens e Adultos no período de 1916 a 1964.

Entendo ter conseguido encontrar na formação acadêmica e atuação profissional de Elza elementos que permitem a identificação de sua prática político-pedagógica, as quais se imbricaram ao pensamento freiriano. Isso significa que ao se estabelecer a Pedagogia da Convivência entre o casal, dá-se a consolidação de experiências pioneiras e inovadoras com educação de adultos, o que nos remete à gênese dessa educação no Brasil. Assim, afirmo que o casal Freire foi vanguardista da educação.

A Pedagogia da Convivência possibilitou a estruturação, sistematização e fundamentação do pensamento e da práxis de Freire, a partir de um encontro iniciado em 1940 que resultou na ilação de ideias compartilhadas. Sendo assim, em grande medida, a proposta freiriana tem sua existência vinculada à presença de Elza junto a Paulo, que diz:

Ela era uma “artista” cujo respeito por mim moldou quem eu sou. Ao me respeitar, ela desenvolveu aspectos do meu perfil. Por causa disso, sem Elza é possível que eu não estivesse aqui falando sobre isso – é possível, mas não tenho certeza. É possível que eu não estivesse aqui se não tivesse sido pelo amor que tinha pela vida. O amor por mim, pelas crianças, pelo povo, pelos alunos e alunas. Sua coragem de criar coisas nunca parou... Estou analisando alguns momentos no processo do meu desenvolvimento e por isso estou pensando sobre sua influência e suas sugestões (FREIRE; HORTON, 2002, p. 83).

O caráter da relevância temática, o ineditismo das fontes e os indicativos trazidos apresentam aportes para agregá-la às discussões da temática. Deixo a crítica-reflexiva ao problematizar o fato de que, se não fosse Elza, qual seria a história e o seu significado?

Elza foi mais do que a companheira de todas as horas do educador brasileiro. Ao seu lado, despertou Paulo para o trabalho com educação; participou da proposta freiriana e concretizou com ele desafios e utopias (desde Recife, passando pelo exílio pelo mundo até o retorno ao Brasil). Elza, muito mais que companheira amorosa, esposa dedicada e profissional competente, exerceu grande e decisiva influência no pensamento e na práxis freiriana, e deixou contribuições para a educação brasileira, notadamente a de Jovens e Adultos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. M. "Paulo Freire e a Arte-educação". In: VALE, M. J. (Org.), *Paulo Freire, educar para transformar: almanaque histórico*. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

_____. In: GADOTTI, M. (Org.). *Paulo Freire: Uma biibliografia*. São Paulo: Cortez, IPF; Brasília, UNESCO, 2006.

BARRETO, V. *Paulo Freire para educadores*. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

BEISIEGEL, C. de R. *Estado e Educação Popular*. São Paulo: Pioneira, 1974.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOGDAN, R. e BIKLEN, S. *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. "A ilusão Biográfica". In: AMADO, J. & FERREIRA, M. de M. (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

BRANDÃO, C. R. *O que é Método Paulo Freire*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

_____. *Paulo Freire, educar para transformar: fotobiografia*. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. *Envolvimento e distanciamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

FÁVERO, O. *Cultura popular, educação popular, memória dos anos 60*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

FREIRE, E. "Manuscritos", S/d; S/Ed. In: *Escritos Íntimos*. Acervo pessoal de Madalena Freire, cedido à pesquisadora.

_____. "Setembro de 1977". In: COSTA, A. de O. et. al. (orgs.). *Memórias das mulheres do exílio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, L. C. "Paulo Freire por seu filho". In: SOUZA, A. I. (org.) *Paulo Freire: Vida e Obra*. São Paulo: Expressão Popular Ltda, 2001.

_____. *Homenagem à Memória de Paulo Freire* (mimeo). São Paulo, Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (ALSP), 2005.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

_____. *Pedagogia da Tolerância*. São Paulo: UNESP, 2005.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. Porto: Afrontamento, 1972.

_____. & BETTO, F. *Essa escola chamada vida: Depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho*. São Paulo: Editora Ática, 2000.

_____. In: BRANDÃO, C. R. (org.). *O Educador: vida e morte*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

_____. & FAUNDEZ, A. *Por uma pedagogia da pergunta*. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

_____. & GUIMARÃES, S. *Aprendendo com a própria história*. V. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____. & HORTON, M. *O Caminho se faz caminhando*. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. Entrevista. In: LYRA, C. *As Quarenta Horas de Angicos: Uma experiência pioneira de educação*. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. & MACEDO, D. *Alfabetização leitura do mundo leitura da palavra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LEFEBVRE, H. *Critique de la Vie Quotidienne*. Paris: Éditions l'Arche, 1958.

LOURO, G. L. "Mulheres na sala de aula". In: PRIORE, M. D. (org.) *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

MONTEIRO, R. A. (org.) *Fazendo e Aprendendo Pesquisa Qualitativa em Educação*. Juiz de Fora: FEME, 1998.

NÓVOA, A. "Inovação e história da educação". In: *Teoria & Educação*, nº 6. Porto Alegre: Pannônica Ltda, 1992.

ORNELAS, A. L.; OLIVEIRA, E. M. C.; FREIRE, E. Cuernavaca/México, 1987. Datilografado, cedido à pesquisadora.

ROMÃO, J. E. "Contextualização: Paulo Freire e o Pacto Populista". In: FREIRE, P. *Educação e Atualidade Brasileira*. São Paulo: Cortez, 2001.

ROSAS, P. *Papéis Avulsos Sobre Paulo Freire*, 1. Recife: UFPE, 2003.

SANTIAGO, M. E. "A presença de Elza Freire em Paulo Freire". In: *Um olhar sobre Paulo Freire a partir da realidade cultural do Nordeste Brasileiro*. Recife: NUNEP, 2000.

_____. *Sobre Elza*. Recife: Datilografado, 1987.

SILVA, I. M. E. In: SANTIAGO, M. E. *Sobre Elza*. Recife: Datilografado, 1987.

SCOCUGLIA, A. C. *A história das ideias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas*. João Pessoa: UFPB, 2001.

SPIGOLON, N. I. *Pedagogia da Convivência: Elza Freire – uma vida que faz Educação*. 2009. Dissertação. UNICAMP, Campinas, 2009.

_____. *As noites da ditadura e os dias de utopia – o exílio, a educação e os percursos de Elza Freire nos anos de 1964 a 1979*. Tese. UNICAMP, Campinas, 2014.